

# Percepção Sensível em Descartes

Raul Landim Filho

UFRJ/PPGLM/CNPq

*Para Oswaldo Porchat, com saudade e admiração*<sup>1</sup>

O conhecimento sensível e a noção de experiência parecem não desempenhar funções significativas no sistema cartesiano. No resumo das *Meditações Metafísicas*, justificando a dúvida universal e abrangente, Descartes escreve: "... a utilidade da dúvida tão geral (...) é, todavia muito grande, pois ela nos livra de todos os preconceitos e nos abre um caminho muito fácil *para afastar nossa mente dos sentidos*"<sup>2</sup> (grifo meu). Na Segunda Meditação, a despeito da dúvida sobre a existência dos corpos, de outras mentes e de Deus, é estabelecida a indubitabilidade e a verdade, ao menos provisória, do *Cogito*. Esta

---

<sup>1</sup> Este artigo é a versão final do texto que foi lido no Colóquio "Ceticismo, Filosofia e História da Filosofia: Homenagem a Oswaldo Porchat" realizado em agosto de 2018 na USP. Agradeço às Professoras Ethel Rocha, pelas observações críticas e sugestões feitas à versão final deste artigo, e Lia Levy pelas inúmeras discussões que mantivemos ao longo do seu pós-doutorado sobre temas abordados neste artigo.

<sup>2</sup> AT VII, *Meditationes*, Resumo das Seis Meditações, p. 12. Ver também AT IX-1, *Méditations*, Abregé des Six Méditations suivantes, p. 9: "... prepara-nos um caminho muito fácil para acostumar nosso espírito a se desligar dos sentidos".

Citaremos a obra de Descartes na edição standard de C. Adam e P. Tannery, 1964-1974. Ao citar os textos de Descartes desta edição, usaremos a seguinte abreviação: AT, seguida do número do volume, do título da obra, do capítulo, da página. Citaremos também as seguintes edições críticas da obra de Descartes: [1] René Descartes, *Œuvres complètes*, (editores J-M. Beyssade e D. Kambouchner). Usaremos a seguinte abreviação: *Œuvres complètes*, seguida do número do volume, do título da obra em algarismos romanos, do capítulo e da página. [2] *L'Entretien avec Burman* (editor J-M. Beyssade). [3] René Descartes. *Princípios da Filosofia* (editor Guido de Almeida). Será citado como *Princípios da Filosofia*, seguido do número da parte dos *Princípios* (em algarismos romanos) e do número do artigo (em algarismos arábicos). Como esta tradução dos *Princípios da Filosofia* abarca apenas a Primeira e o início da Segunda Parte da obra, quando necessário, citaremos também os *Princípios* na edição de C. Adam e P. Tannery, AT VIII-1, *Principia Philosophiæ*. [4] *Descartes Obra escolhida*. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior.

indubitabilidade se estende aos modos de pensar. Surpreendentemente, o sentir é inicialmente considerado como uma maneira de pensar a despeito da dubitabilidade da existência dos corpos. Mas, o indubitável no sentir não é o que é sentido, mas a consciência do sujeito do seu ato de sentir: *parece-me* que vejo, que ouço, mesmo se o que vejo ou ouço não é algo real<sup>3</sup>. A indubitabilidade do sentir em geral ('parece-me que sinto') deriva do *Cogito*, pois todo ato de pensar é consciente<sup>4</sup> e indubitável para o sujeito deste ato.

O objetivo deste artigo é analisar em Descartes a função cognitiva do sentir em geral. 'Sensação' (*sensus, sentiment*)<sup>5</sup> significa genericamente "tudo aquilo que resulta imediatamente na mente pelo fato de que ela está unida a um órgão corporal movido e organizado pelos seus objetos"<sup>6</sup> ou, em outras palavras, "... estas diversas afecções da mente ou pensamentos, que se seguem imediatamente destes movimentos [corporais], serão denominados de percepções dos sentidos ou, como geralmente se diz, sensações"<sup>7</sup>. Procuraremos responder a três questões sobre as sensações: [a] seriam meros estados subjetivos conscientes do sujeito pensante?; [b] seriam estados subjetivos intencionais que visariam objetos?; [c] os objetos que porventura fossem visados ou referidos por elas, seriam também por elas caracterizados?

<sup>3</sup> AT VII, *Meditationes*, Segunda Meditação, p. 28.

<sup>4</sup> Descartes caracteriza o pensamento como tudo aquilo que ocorre em nós do qual somos imediatamente conscientes (AT VII, *Meditationes*, Respostas às Segundas Objecções, Exposição Geométrica, Definição 1 e *Princípios da Filosofia*, I, 9). Ver o artigo de RADNER (1988), p. 446, que caracteriza a noção cartesiana de consciência por duas condições: [i] "Necessariamente, se sou consciente de *x*, então *x* existe", [ii] "Necessariamente, se *x* existe, sou consciente de *x*." Ver também SIMMONS (2012).

<sup>5</sup> A expressão 'sentir' denota seja as sensações propriamente ditas, seja os afetos, seja os apetites. Nos textos escritos originalmente em francês, Descartes usa geralmente a palavra '*sentiment*' que, em cada contexto, significa um desses três usos de sentir. Nos textos escritos em latim, é usado em geral o termo '*sensus*', que foi traduzido por '*sentiment*' nos textos em francês. Se 'sentimento' em português evoca emoções e pode significar apenas estados afetivos do sujeito pensante, no século XVII, '*sentiment*' significava o que hoje em dia significa na nossa linguagem ordinária o termo 'sensação'. Raramente Descartes usa o termo '*sensatio*', que seria também traduzido em português por 'sensação'. '*Sensatio*' ocorre em AT VIII-1, *Principia Philosophiæ*, IV, 197: ("*quæ sensus, sive sensationes dicuntur*") e também em AT V, *Correspondance*, Carta para Arnauld, 4 de junho 1648, p. 192. Ver, sobre esta questão, o artigo de F. Buzon (1991). Note-se ainda que as expressões latinas "*perceptio doloris, tillationes, sitis...*" etc. foram traduzidas para o francês por "*sentiments de la douleur, de la faim et du chatouillement* etc.". Ver, por exemplo AT VII, *Meditationes*, Resposta à Sexta Meditação, item 9, p. 437 e AT IX-1, *Méditations, idem*, p. 236.

<sup>6</sup> AT VII *Meditationes*, Respostas às Sextas Objecções, item 9, p. 437.

<sup>7</sup> AT VIII-1, *Principia Philosophiæ*, IV, 189.

## *Sensações e Percepções Sensíveis*

Na filosofia cartesiana o significado de ‘sensação’ é algumas vezes associado à noção de percepção ou, mais precisamente, de percepção sensível. Inúmeros textos cartesianos<sup>8</sup> confirmam essa associação. Percepções são habitualmente consideradas intencionais. No entanto, ‘percepção’ pode significar tão somente a consciência passiva do ato de pensar pelo sujeito do ato. Nos *Princípios da Filosofia*<sup>9</sup>, ao descrever os dois modos gerais de pensar, perceber (a operação do intelecto), considerado como uma passividade, e querer (a operação da vontade), considerado como uma atividade, Descartes menciona duas outras funções cognitivas dependentes do corpo, o sentir e o imaginar, que são também, ao lado do puro inteligir, maneiras de perceber. Mas, neste caso, ‘perceber’ não implica necessariamente intencionalidade, realça apenas que o sentir e o imaginar, embora dependentes do corpo, (o que só é demonstrado nas *Meditações* a partir da Sexta Meditação) são modos conscientes do sujeito pensante. Assim, considerar as sensações como percepções sensíveis intencionais não é algo que se postule, mas algo que deve ser justificado, pois não seria absurdo considerá-las como estados meramente subjetivos do sujeito pensante, estados conscientes, não intencionais, que foram produzidos pela interação mente / corpo.

No entanto, a noção central do sistema cartesiano, a noção de ideia, envolve a noção de intencionalidade. Na Terceira Meditação, Descartes formula sua definição canônica<sup>10</sup>: “ideias são como imagens de coisas”<sup>11</sup>. Tomadas

---

<sup>8</sup> AT XI, *Principia Philosophiæ*, I, 66: “...quia nemo nostrum est, qui non ab ineunte ætate judicavit, ea omnia quæ sentiebat, esse res quasdam extra mentem suam existentes, et sensibus sui, hoc est, perceptionibus quas de illis habebat plane símiles”. Tradução do latim: “...porque não há entre nós quem não tenha julgado desde a mais tenra idade que todas as coisas que sentia tinham uma existência fora de sua mente e eram inteiramente semelhantes às suas sensações, isto é, às percepções que tinha dessas coisas” (grifo meu). Tradução francesa AT IX-2, *Principes*, I, 66: “...que toutes les choses que nous sentions avaient une existence hors de notre pensée et qu’elles étaient entièrement semblables aux sentiments ou aux idées que nous avons à leur occasion” (grifo meu). Ver o texto acima citado em AT VIII-1, *Principia Philosophiæ*, IV, 189 e também AT XI, *Passions de L’Ame*, I, art. 23-25.

<sup>9</sup> *Princípios da Filosofia*, I, 32. Ver também AT XI, *Passions de L’Ame*, I, art. 28.

<sup>10</sup> AT VII, *Meditationes*, Terceira Meditação, p. 37.

<sup>11</sup> Sobre os diversos sentidos do termo ‘ideia’, ver, por exemplo, AT VII, *Meditationes*, *Præfatio ad Lectorem*, p. 8; Terceira Meditação, p. 37; Segundas Respostas, EG, def. II; Respostas às Terceiras Objeções [i] Resposta à Objeção Quinta, p. 181, [ii] Resposta à Nona Objeção, p. 185 e [iii] Resposta à Décima Objeção, p. 188; Respostas às Quartas Objeções, p. 232; Respostas às Quintas Objeções, p. 366. AT III, *Correspondance*, Cartas a Mersenne: [i] 28 de janeiro de 1641, p. 295; [ii] 21 de abril de 1641, p. 358-363; [iii] 6 de junho de 1641, p. 382-383; [iv] julho de 1641, p. 392-393; [v] 22 de julho de 1641, p. 418. Carta a Regius, junho de 1642, p. 566-567. AT IV, *Correspondance*, Carta a Mesland, 2 de maio 1644, p. 113-114.

materialmente, elas são operações do pensamento, tomada objetivamente, a ideia é a coisa exibida ou representada pela operação de pensar e teria um grau de perfeição: "... a coisa que embora não se suponha que ela exista fora do meu intelecto, pode, entretanto, ser mais perfeita do que eu, em razão da sua essência"<sup>12</sup>. Os dois constituintes da noção de ideia, a saber, ser objetivo e grau de perfeição, são habitualmente sintetizados pela noção de realidade objetiva: o objeto na ideia (ser objetivo) tem um grau de perfeição ou uma essência. Dessa maneira, 'pensar em coisas' significa ter uma "ideia de algo"<sup>13</sup>.

Na Terceira Meditação, Descartes analisa uma classe de ideias, as ideias adventícias, produzidas pelos corpos ao afetarem os órgãos dos sentidos. Distinguindo nelas o que era indubitável do que era dubitável, Descartes assinala que "... havia outras coisas que em realidade eu não percebia [claramente]: [a] era que havia certas coisas fora de mim, [b] *das quais estas ideias procediam* e [c] às quais elas eram inteiramente semelhantes"<sup>14</sup> (grifo meu).

As sensações seriam ideias adventícias? Satisfariam às três notas características das ideias definidas "*como imagens de coisas*"<sup>15</sup>, a saber, [i] são maneiras de pensar, portanto são conscientes; [ii] exibem um conteúdo objetivo, um objeto no pensamento; [iii] têm um grau de perfeição, denominado 'realidade objetiva'<sup>16</sup>?

Supor que as sensações são produzidas pelos corpos, como sugere Descartes na análise das ideias adventícias, significa assumir como plausível a interação mente/corpo. Como explicar essa interação e, em seguida, a produção da ideia sensível e a partir desta ideia sensível identificar seu objeto, isto é, sua referência, e também sua função representativa<sup>17</sup>?

---

<sup>12</sup> AT VII, *Meditationes*, Prefácio ao Leitor, p. 8.

<sup>13</sup> AT VII, *Meditationes*, Terceira Meditação, p. 35: "...era que as próprias ideias ou os pensamentos de tais coisas...".

<sup>14</sup> *Idem*, Terceira Meditação, p. 35.

<sup>15</sup> Ver sobre esta questão a bibliografia citada no meu artigo de 2014.

<sup>16</sup> Substância infinita ou as substâncias finitas e os seus modos são os graus de realidade (objetiva) que Descartes leva em consideração para caracterizar a realidade objetiva dos seres objetivos. Entes de razão podem ser conteúdos pensados e por isso poderiam ser considerados como objetos imanentes ao pensamento. No entanto, não seria plausível atribuir a eles um grau de perfeição. Note-se ainda que ao analisar as ideias materialmente falsas, Descartes não nega que elas possam ser ideias de objetos, embora o grau de perfeição delas seja indiscernível. Ver sobre esta questão o meu artigo de 2016.

<sup>17</sup> Ver sobre esta questão os trabalhos clássicos de WILSON, publicados na coletânea de seus artigos, de 1999. Em especial, os artigos: "Descartes on sense and resemblance" (1999b); "Descartes on the perception of primary qualities" (1999d); "Descartes on the origin of sensation" (1999c); "Descartes on the representationality of sensation" (1999e). Ver também DE ROSA (2009).

A física cartesiana, formulada por Descartes antes da elaboração da sua obra metafísica da maturidade, é uma física geométrica mecanicista que explica a interação entre os corpos e entre os corpos e o corpo humano. Ela só leva em consideração as propriedades extensionais dos corpos: movimento, figura, grandeza, situação etc. Teses da física, formuladas num quadro conceitual mecanicista, conjugadas com uma física geométrica, que se aplica a corpos puramente extensionais, tornam ainda mais problemática a explicação da interação mente/corpo que produziria na mente sensações e talvez ideias sensíveis.

Algumas teses da metafísica cartesiana, que podem ser interpretadas como justificações ou fundamentações da sua concepção científica, acentuam ainda mais a dificuldade de explicar como e porque a interação corpo/mente produz sensações ou ideias sensíveis. A tese da distinção real entre o pensamento e a extensão<sup>18</sup>, a tese de que cada substância tem um único atributo principal<sup>19</sup> e finalmente a tese<sup>20</sup> (ou a constatação) de que há uma unidade não substancial entre as duas substâncias heterogêneas<sup>21</sup> (mente e corpo) que interagem, acentuam a dificuldade para explicar a origem e a natureza da sensação e da percepção sensível. Consequência da distinção real entre o pensamento e a extensão é que os modos ou as qualidades do pensamento *não são e excluem* modos ou qualidades da extensão e vice-versa<sup>22</sup>. A tese de que cada substância tem um único atributo principal, que é a sua essência, exclui a hipótese de que uma substância corporal possa ser sujeito de maneiras de pensar e, vice-versa, que modos da extensão sejam atributos ou modos da *res cogitans*<sup>23</sup>.

Conjugando-se a tese do único atributo essencial com a da distinção real, segue-se que as denominadas 'qualidades primárias'<sup>24</sup> são propriedades dos

---

<sup>18</sup> AT VII, *Meditationes*, Sexta Meditação, p.78.

<sup>19</sup> *Princípios da Filosofia*, I, 53.

<sup>20</sup> AT VII, *Meditationes*, Sexta Meditação, p. 80-81; *Princípios da Filosofia*, II, 2.

<sup>21</sup> Em AT III, *Correspondance*, Carta para Regius, janeiro de 1642, p. 493, Descartes sugere que a união alma e corpo formaria uma união substancial: "... e que a alma é realmente e substancialmente unida ao corpo (...), que ela é unida ao corpo por um verdadeiro modo de união...". A questão da união substancial alma/corpo foi e ainda é debatida pelos intérpretes de Descartes. Para os objetivos deste artigo, não precisaremos nos deter na análise desta questão.

<sup>22</sup> AT VII, *Meditationes*, Sexta Meditação, p. 78. Ver também AT III, *Correspondance*, Carta para P. Gibieuf, 19 janeiro 1642, p. 472-480.

<sup>23</sup> AT VII, *Meditationes*, Terceiras Objecções, 2ª Objeção, p. 172-176.

<sup>24</sup> As expressões 'qualidades secundárias' e 'qualidades primárias' não fazem parte do léxico cartesiano, embora tenham uma longa história, cuja origem se encontra na distinção aristotélica entre objetos próprios e comuns dos sentidos externos. Segundo Locke, que popularizou em filosofia estas

corpos, pois a essência deles é a extensão e os seus modos são o movimento, a figura, a grandeza, a situação etc., todos eles podendo ser analisados de um ponto de vista quantitativo, geométrico e mecânico. Estas propriedades corporais, em princípio, podem ser objetos de percepção sensível ou intelectual. Neste caso, as percepções seriam denominadas de percepções de qualidades primárias e seriam obviamente intencionais. Mas, segundo certos textos de Descartes e segundo certos intérpretes, as percepções de qualidades primárias estariam associadas a atos judicativos do intelecto<sup>25</sup>, o que evidenciaria que, consideradas nelas mesmas, elas não podem ser interpretadas meramente como um modo sensível intencional do sentir, isto é, uma percepção sensível<sup>26</sup>. No entanto, por um lado, não é descabido perceber sensivelmente, ver, por exemplo, a distância ou o movimento de um corpo, como também não seria descabido calcular a distância ou movimento de um objeto percebido. É verdade que os textos de Descartes não excluem qualquer uma das alternativas. O que pode ser questionado sobre a percepção das qualidades primárias não é a sua intencionalidade, mas a sua natureza estritamente sensível.

De uma maneira genérica, o sentir pode ser classificado em sensações oriundas dos cinco sentidos externos (como, por exemplo, dureza, sabor, odor, som, calor, frio, luz, cores e coisas semelhantes), em sensações que concernem ao apetite natural e ao afeto ou emoções<sup>27</sup>. Todos estes modos sensíveis do pensamento são produzidos pela interação mente/corpo. Em razão da distinção real entre pensamento e extensão e da tese do único atributo essencial, as qualidades

---

expressões, as qualidades primárias são inseparáveis dos corpos em qualquer estado em que eles se encontrem, enquanto as qualidades secundárias não são senão o poder nos corpos de produzirem sensações, mediante as qualidades primárias. Em certo sentido, elas estariam 'virtualmente' nos corpos. (*An Essay concerning Human Understanding* II, viii 11-13).

<sup>25</sup> Ver AT VII, *Meditationes*, Respostas às Sextas Meditações, item 9, segundo e terceiro grau dos sentidos, p. 436-439.

<sup>26</sup> Alguns intérpretes não consideram que as percepções de qualidades primárias sejam meramente sensíveis, pois elas envolveriam também operações intelectuais judicativas. Elas pertenceriam ao 3º grau, mas não ao 2º grau dos sentidos. Ver, sobre esse tema, a controvérsia entre WILSON (1999d) e SIMMONS (2003). O 2º grau dos sentidos não menciona sensações de qualidades primárias e dessa maneira parece corroborar esta interpretação, assim também os *Princípios da Filosofia* I, 71: "... percebia grandezas, figuras, movimentos e conteúdos semelhantes; que lhe eram exibidos não como sensações, mas como certas coisas ou modos das coisas existentes fora do pensamento, ou pelo menos capazes de existir..." (grifo meu). No entanto, *La Dioptrique* (AT VI, *Discurso* VI, p.137) dá exemplos de percepções sensíveis de corpos que não envolvem operações judicativas (como por exemplo, ver a distância de um corpo) que poderiam ser consideradas como sensações, ou melhor, percepções sensíveis. Ver o artigo de FICHANT (1992).

<sup>27</sup> *Princípios da Filosofia*, I, 32 e 66.

sensíveis acima mencionadas do sentir<sup>28</sup> se distinguem de propriedades de corpos, pois são somente modos da mente, afecções específicas da substância pensante, produzidas pela interação corpo/alma como qualquer sensação. Em um sentido análogo, mas não idêntico, usando a terminologia popularizada por Locke, estas afecções da mente poderiam ser denominadas de *qualidades secundárias* (especialmente as sensações oriundas dos sentidos externos, habitualmente consideradas como sensações estritas), o que realçaria a diferença delas das propriedades dos corpos, denominadas '*qualidades primárias*'<sup>29</sup>. Assim, '*sensação de qualidade secundária*' é um pleonasma de '*qualidade secundária*' pois, em Descartes, qualidade secundária é um tipo de sensação, isto é, é indubitavelmente um modo específico de sentir da mente, provocada pela interação mente/corpo. No entanto, como nem todos estados da mente são qualidades secundárias, usaremos a expressão '*sensações de qualidades secundárias*' para diferenciá-las, embora de maneira pleonástica, das percepções de qualidades primárias, que visam propriedades de corpos<sup>30</sup>. É óbvio que *percepções* sensíveis de propriedades de corpos são modos de pensamento, mas o que é percebido são propriedades corporais, o que não ocorre em relação às sensações de qualidades secundárias. Neste último caso, o que é sentido é um modo da mente, uma maneira de sentir. Sentir dor é ter dor. Não se poderia dizer o mesmo de sentir uma qualidade primária: o que é sentido não é um modo da mente. Por isso, em relação às sensações de qualidades primárias, preferimos denominá-las de '*percepções*'. A distinção real entre qualidades primárias, propriedades de corpos extensos (grandeza, posição, figura, movimento), e as qualidades sensíveis, que são modos do pensamento (como cor, som, fome etc.), é uma consequência da tese da distinção real entre pensamento e extensão.

---

<sup>28</sup> *Princípios da Filosofia*, I, 66; "...mas quando considero que a substância é por eles [atributos ou qualidades] afetada ou alterada, eu os chamo de modos; quando pode ser denominada tal ou qual a partir dessa alteração, chamo [os modos] de qualidade..."

<sup>29</sup> Ver *Princípios da Filosofia*, I, 48, onde é descrita a distinção entre propriedades ou qualidades dos corpos e qualidades que provém da estreita e íntima união nossa mente com o corpo.

<sup>30</sup> Caso se admita que ocorram sensações ou percepções sensíveis de propriedades de corpos sem que sejam imbricadas com atos judicativos, seriam elas classificadas como sensações estritas, originadas por um impacto nos sentidos externos? Ocorreria uma relação parecida com a que ocorre na tradição aristotélica entre objetos próprios (algo análogo às qualidades secundárias) e comuns (algo análogo às qualidades primárias) dos sentidos externos? As sensações de qualidades primárias (figuras, posições, grandezas e movimentos de partes corporais) estariam mescladas a sensações de qualidades secundárias? Uma resposta positiva a esta pergunta não seria absurda, pois, segundo Descartes, "não se pode discernir partes dos corpos pela visão senão enquanto elas diferem de alguma maneira pela cor". (AT VI, *La Dioptrique*, Discurso VI, p.133).

Seriam as sensações de qualidades secundárias apenas *qualia*, modos do pensamento, estados mentais ou poderiam ser também estados mentais intencionais e exercer alguma função cognitiva na apreensão sensível do mundo visível? Aparentemente, elas não visam objetos. Sentir dor é ter dor, ou, o que significa a mesma coisa, é ter a sensação de dor. Dessa maneira, sensações de qualidades secundárias seriam *qualia*. Mas, poderiam ainda ser consideradas *percepções sensíveis* intencionais, tais como as percepções sensíveis de qualidade primárias?

Descartes, nos *Princípios* I, 71, descreve a gênese das sensações como estados mentais imbricados com o corpo. Inicialmente, a sensação é tão somente um estado mental, imanente ao sujeito que, em virtude de sua íntima ligação com o seu corpo, é afetado na mente por diferentes afecções provocadas pelo próprio corpo (dor, frio, prazer etc.). Sob este aspecto, a sensação ainda não é uma representação nem mesmo um signo que se referiria ao corpo, mas apenas um estado mental provocado pelas afecções do próprio corpo. Sensações seriam, então, estritamente *qualia*.

No entanto, os corpos também provocam na mente afecções como grandeza, distância, movimento etc. Estas afecções seriam percebidas "...não como sensações, (...) mas como certas coisas ou modos das coisas existentes fora do pensamento..." (*idem, ibidem*). As percepções destas qualidades, que são consideradas propriedades reais dos corpos, mesclam-se às vezes com as sensações de qualidades secundárias (cor, odor, dor, dureza etc.), que são estados da mente. Assim, por exemplo, a percepção visual tem como objeto próprio, como escreve Descartes na *Dióptrica*<sup>31</sup>, "a luz e a cor", que são sensações de qualidades secundárias, mas envolvem também "a situação, a distância, a grandeza e a figura", que são qualidades primárias dos corpos que podem produzir afecções na mente. O que era apenas um estado mental, uma qualidade secundária, mistura-se a percepções sensíveis de qualidades primárias como se fosse também uma percepção de propriedades de objetos corporais. Assim, por hábito ou por pré-conceito, mas em todo caso sem reflexão, a mente unida ao corpo

...começava a notar que aquilo que [o corpo] assim alcançava ou evitava existia fora dela; e não lhe atribuía apenas grandezas, figuras, movimentos e conteúdos semelhantes que percebia como coisas ou

<sup>31</sup> AT VI, *Discurso* VI, p. 130-131. *Œuvres complètes* III, *La Dioptrique*: "Todas as qualidades que nós percebemos (*apercevons*) nos objetos da visão podem ser reduzidas a seis principais, que são a luz, a cor, a situação, a distância, a grandeza e a figura" (p. 183).



modos de coisas, mas também os sabores, odores e tudo o mais, cuja sensação notava ser produzida nela por tal coisa. (*Princípios da Filosofia*, I, 71)

Dessa maneira, qualidades secundárias são interpretadas também como percepções intencionais na medida em que algumas percepções de qualidades primárias, que visam propriedades dos corpos extensos, são mescladas às sensações de qualidades secundárias. A ideia sensível do sol é um exemplo desta mescla de sensações associadas a percepções confusas e obscuras de um objeto corporal redondo colorido.

Esta explicação genético-psicológica procura mostrar ou apenas sugerir como as sensações de qualidades secundárias, que são estados mentais subjetivos, aparentam ser percepções intencionais de qualidades reais dos corpos. A plausibilidade desta descrição genético-psicológica cartesiana tem obviamente seus limites: ela não tem força demonstrativa, mas apenas sugestiva.

### ***Interação Corpo/Mente. Condição Corporal da Sensação***

Em diversas obras, Descartes descreve o sentir quer do ponto do ponto de vista da “máquina do corpo”, quer do ponto de vista da mente unida ao corpo.

A condição corporal das sensações foi analisada por Descartes<sup>32</sup> numa perspectiva mecanicista e geométrica que explica a interação dos corpos entre si e dos corpos com o corpo humano unido à mente. Corpos externos afetam o corpo humano na sua superfície impactando por contato o término dos nervos, mais precisamente, os filetes nervosos contidos nos nervos. Os nervos são condutos envolvidos por uma pele contígua às peles que envolvem o cérebro. Esses condutos contêm inúmeros filetes nervosos independentes uns dos outros. Eles têm origem no cérebro e se espalham do cérebro para todos os membros do corpo até à extremidade deles nos órgãos dos sentidos externos. Contidos também nesses condutos estão o que Descartes denomina de “espíritos animais”, que são corpos ou partes do sangue muito leves e sutis<sup>33</sup> que escoando nos

---

<sup>32</sup> As obras mais relevantes que abordam esta questão são: [i] AT VI, *La Dioptrique*, p. 109-147. *Ceuvres complètes III, La Dioptrique*, p. 167-195. [ii] AT XI, *Traité de L’Homme*, p. 142-163. [iii] AT VIII-1, *Principia Philosophiæ*, I, 66 segs, II, 1-3; IV, 189-199. [iv] AT XI, *Les Passions de l’Ame*, I, 10, 12-13 e 19-35. Obviamente, o texto canônico: [v] AT VI, *Meditationes*, Sexta Meditação, p. 80 segs.

<sup>33</sup> Espíritos animais são partículas corporais, fluídos derivados do sangue. Partes do sangue são levadas do coração ao cérebro. As passagens do coração que conduzem ao cérebro são estreitas. Por isso só entram no cérebro as partes mais sutis que foram aquecidas pelo coração. Elas são chamadas de espíritos

condutos são responsáveis pelos movimentos corporais dos músculos e, portanto, do corpo, mas também pela impressão no interior do cérebro, mais precisamente na glândula pineal, de figuras corporais. Os nervos transmitem de maneira imediata a partir dos órgãos externos até a superfície interna do cérebro, os pontos geométricos que constituem as figuras dos objetos extensos que impactaram os sentidos externos. Graças a este impacto, que provoca uma dilatação dos condutos nervosos na superfície do cérebro, os poros ou orifícios destes nervos dilatados se alargam e são preenchidos pelo movimento dos espíritos animais que nas cavidades cerebrais sustentam a glândula pineal, situada no centro do cérebro. Ao saírem das concavidades da glândula e preencherem os poros dos nervos dilatados, os movimentos dos espíritos animais imprimem na própria glândula os pontos ou as figuras que já estavam impressas pelos nervos na superfície interna do cérebro. Assim, a impressão das figuras na glândula pineal envolve um duplo processo<sup>34</sup>: um sensitivo que é conduzido exclusivamente pelos filetes nervosos que se inicia pelo impacto de um sentido externo e resulta imediatamente na impressão das figuras dos corpos extensos na superfície interna do cérebro e outro processo, motor, realizado no interior do cérebro pelos espíritos animais, cujos movimentos traçam na glândula pineal as figuras impressas na superfície interior do cérebro. Esse processo supõe a mobilidade da glândula pineal, pois ela está suspensa pelos espíritos animais que se movem nas cavidades cerebrais e são estes espíritos que, ao se moverem, preenchem mecanicamente os poros dos nervos que foram dilatados pelo impacto dos objetos externos<sup>35</sup>.

As figuras impressas na glândula pineal são duplas porque os nossos sentidos externos são duplos. O senso comum<sup>36</sup>, localizado na glândula pineal, tem a função de unificá-las. Porque está unida ao corpo, a alma poderá então se ligar imediatamente à glândula pineal, onde foram impressas as figuras do interior do

---

animais. São corpos muito pequenos que se movem muito rapidamente como a chama de um fogo. Ao saírem do cérebro entram pelos poros dos nervos, são conduzidos aos músculos e assim determinam os movimentos dos corpos. Ver os seguintes textos de Descartes que explicam o sentido da noção espíritos animais: AT XI, *Les Passions de l'Ame*, I, 10-13. AT XI, *Traité de l'Homme*, p. 129. AT III, *Correspondance*, Carta a Vorstius 19 de junho 1643, p. 686-689. AT IV, *Correspondance*, Carta Newcastle, abril 1645, p. 191.

<sup>34</sup> AT XI, *Traité de l'Homme*, p. 141-142, figuras 7, 13, 33, 34. Ver o artigo de BEYSSADE (1992).

<sup>35</sup> Ver AT XI, *Les Passions de l'Ame*, I, 31 e 34.

<sup>36</sup> A glândula pineal é a sede do Senso Comum, isto é, é o lugar corporal onde a alma encontra as impressões corporais e forma ideias a partir de ideias corporais. Muitas vezes o Senso Comum é assimilado no texto cartesiano à glândula pineal, mas ele parece ser mais uma função corporal da glândula do que um corpo localizado na glândula. Textos básicos sobre o Senso Comum: *Regulæ*, AT, X, R. XII, p. 414-415. *Traité de l'Homme*, AT XI, 175-178. AT VI, *La Dioptrique*, Discursos IV-VI, p. 109-147. *Œuvres complètes III*, p. 167-195. AT *Principia IV*, 198.

cérebro. Na presença dos objetos que são suas causas físicas, as figuras corporais, enquanto ligadas a alma, serão denominadas de sensações ou sentimentos e, na ausência destes objetos, de ideias imaginativas, em certo sentido de ideia imaginativa.

A expressão “ligação da alma à glândula pineal” é ambígua, pois parece sugerir que devam existir outros olhos no interior do nosso cérebro com os quais poderíamos ver as imagens impressas no próprio cérebro. Esta interpretação é explicitamente descartada por Descartes na *Dióptrica*<sup>37</sup>. Ao invés de um “olho interior”, talvez o que esteja sendo assinalado é que a alma, ligada à glândula pineal, perceba imediatamente os objetos que foram as causas das imagens corporais. No Discurso IV da *Dióptrica*, Descartes escreve:

Sabe-se suficientemente que é a alma que sente e não o corpo. (...) E sabe-se que não é enquanto ela está nos membros que servem de órgãos aos sentidos externos que ela sente, mas enquanto ela está no cérebro, onde ela exerce esta faculdade que eles [os escolásticos] denominam de senso comum... (AT, VI ; *La Dioptrique, Discurso IV*, p. 109; *Œuvres complètes* III, p. 167)

Não há intermediários entre os objetos externos que impactam os nervos e as suas figuras cerebrais. É assumida a imediaticidade da transmissão pelos filetes nervosos das figuras à superfície interna do cérebro como ocorre, por exemplo, com uma corda esticada ou com o movimento de um lápis ao se escrever. E é também suposto que os espíritos animais se movimentando no interior do cérebro imprimam de maneira imediata na glândula pineal as figuras impressas na superfície interna do cérebro. Assim, o impacto sofrido pelos sentidos externos é automático e imediatamente transmitido à glândula pineal à qual está ligada a alma. Em outras palavras, a alma unida ao corpo está na glândula pineal “onde ela exerce suas funções”<sup>38</sup> e, em razão disso, ela tem sensações e um certo tipo de ideias imaginativas.

Nas *Respostas às Sextas Objeções*<sup>39</sup>, no item habitualmente denominado Grau de Certeza dos Sentidos, Descartes sistematiza os elementos constitutivos das sensações<sup>40</sup>.

<sup>37</sup> AT VI, *La Dioptrique, Discurso 6*, p. 130. *Œuvres complètes* III, p.183.

<sup>38</sup> AT XI, *Les Passions de L’Ame*, I, 31.

<sup>39</sup> AT VII, *Meditationes de prima philosophiæ*, Sextas Respostas, p. 422-447.

<sup>40</sup> Ver o artigo já citado de DE BUZON (1991).

O 1º grau descreve sinteticamente as condições físicas do sentir que acabaram de ser expostas: uma explicação puramente mecânica que seria comum aos homens e aos animais, embora tenha sido realizada uma descrição mais específica: a da “máquina do corpo humano”.

O 2º grau dos sentidos explicita as consequências das afirmações de que a alma *está* na glândula pineal, “que é a principal sede da alma”<sup>41</sup>, e nela “[alma] exerce suas funções”<sup>42</sup>. Supondo-se verdadeiras estas afirmações, é plausível aceitar que as figuras corporais impressas no cérebro produzam *imediatamente* modificações ou afecções na alma, ou melhor, nos modos da substância pensante que são as sensações, em um sentido genérico do termo ‘sensação’.

Por serem resultados ou expressões das afecções corporais, as sensações são de um lado obscuras e confusas, pois resultam de uma interação entre modos de essências realmente heterogêneos, do pensamento e da extensão. Por outro lado, elas são modos da mente, “pois elas incluem no seu conceito formal alguma intelecção”<sup>43</sup>. Assim, as sensações, mesmo se consideradas como *qualia*, têm uma dupla dependência: dos corpos, que as produziram, e da mente, que as expressam como modos conscientes do pensar.

No 2º grau dos sentidos<sup>44</sup>, Descartes enumera as sensações de qualidades secundárias ou as sensações da cor, do odor, do calor e similares. Note-se que *não* são mencionadas as percepções de qualidades primárias (grandeza, figura, situação etc.)<sup>45</sup>. As sensações de qualidades secundárias podem, em princípio, ser consideradas como estados mentais, *qualia*. No entanto, na versão latina das *Meditações* do 2º grau dos sentidos<sup>46</sup> é usado o termo ‘*perceptio*’ para mencionar as qualidades secundárias: “*perceptiones doloris, titillationis (...) colorum, saporis, odoris* etc.” Na versão francesa desse texto, é usada, como já assinalamos, a expressão ‘*sentiment*’. Nada indica no contexto do 2º grau dos sentidos que o uso do termo ‘*perceptio*’ seja um indício de que as qualidades secundárias impliquem

---

<sup>41</sup> AT XI, *Les Passions de L’Ame*, I, 32.

<sup>42</sup> *Idem*, I, 31.

<sup>43</sup> AT VII, *Meditationes*, Sexta Meditação, p. 78.

<sup>44</sup> As percepções sensíveis dependem do corpo e também do intelecto, pois elas envolvem intelecção. Em razão desta dependência, é necessário distinguir o que o 2º grau dos sentidos pretendeu analisar (a percepção sensível considerada como uma operação mental dependente do corpo) da operação propriamente judicativa do intelecto. Não analisaremos o 3º grau dos sentidos porque o nosso objetivo é questionar as razões que permitem considerar as sensações como representações e não as condições do valor de verdade delas nos juízos.

<sup>45</sup> Ver, sobre essa questão, os artigos já citados de M. Wilson (1999d) e A. Simmons (2003).

<sup>46</sup> AT IX-1, *Méditations*, Respostas às Sextas Meditações, p. 437.

intencionalidade. O texto é compatível com uma interpretação das sensações como meros estados subjetivos. No entanto, se não está excluído que a *percepção* de qualidades secundárias possa significar apenas que dor, som, odor, fome, sede etc. sejam meros estados conscientes sensíveis, isto é, modos sensíveis do pensamento<sup>47</sup>, *percepção de X* pode significar também que as sensações, consideradas como percepções, são estados mentais intencionais.

Nos *Princípios*, Descartes faz também uma análise das qualidades secundárias. Consideradas como meros estados subjetivos, as sensações de “dor, de cor e as demais coisas da mesma espécie são percebidas clara e distintamente quando são consideradas tão somente como sensações ou pensamentos.” Eis uma interpretação de sensação considerada como *qualia*. No entanto,

... quando alguém diz que vê uma cor em algum corpo ou que sente dor em algum membro, é exatamente o mesmo como se dissesse que vê ou sente aí algo que ignora totalmente o que seja, isto é que não sabe o que está vendo ou sentindo. (*Princípios da Filosofia*, I, 68 e sgs)

Dessa maneira as sensações não seriam intencionais, e se fossem, não seriam representativas.

Tal não ocorre, entretanto, com as sensações (percepções) das qualidades primárias, pois, embora confusas e obscuras, podem ser consideradas signos representativos de propriedades extensionais. A razão da sua confusão e obscuridade, como já assinalamos, adviria da interação entre modos de essências heterogêneas. No entanto, o mundo visível é formado por corpos extensos. As sensações de qualidades primárias são percepções sensíveis. Não seria, então, descabido considerá-las como signos representativos. Além disso, poderiam ter alguma espécie de semelhança intencional, confusa e obscura, com os objetos externos, o que não poderia ocorrer com as sensações de qualidades secundárias.

Se, por hipótese, sensações, sejam elas sensações de qualidades primárias ou secundárias, são percepções intencionais, elas visam objetos. Mas, quais seriam os objetos visados e de que maneira eles o seriam? Os seus objetos seriam as configurações de movimentos cerebrais que deram origem a elas<sup>48</sup>?

---

<sup>47</sup> Ver AT VII, *Meditationes*, Segundas Respostas, Exposição Geométrica, definição I e *Princípios da Filosofia*, I, 9 e I, 32.

<sup>48</sup> Certos textos cartesianos sugerem que a mente se volta para o cérebro e se liga às impressões cerebrais. Isto não significa que precisamos de outros olhos no cérebro para perceber a ‘semelhança’ entre as impressões cerebrais e os objetos que deram origem a estas impressões. Ver “*L’Entretien avec Burman*”,

Como vimos, a explicação cartesiana da origem das sensações é uma explicação causal, quer a causa seja interpretada como causa eficiente ou como causa ocasional<sup>49</sup>. Escreve Descartes no *Tratado do Homem*:

Ora, dentre estas figuras não são aquelas que se imprimem nos órgãos dos sentidos externos ou na superfície interior do cérebro, mas somente aquelas que são traçadas pelos espíritos [animais] sobre a superfície da glândula H, *onde está a sede da imaginação ou do senso comum*, que devem ser consideradas ideias, isto é, formas ou imagens que a alma racional considerará imediatamente, logo que estando unida a esta máquina, ela imaginará ou sentirá algum objeto. (AT XI, *Traité de l'Homme*, 176-177)

Sentir e imaginar são traços corporais de objetos externos. Na glândula, estes traços podem ser denominados ideias corporais. Na mente, são sensações ou ideias imaginativas, estados que dependem e expressam na mente as condições corporais que são suas causas.

A origem próxima e imediata das sensações são as configurações cerebrais das partículas corporais. Estas configurações acima descritas foram produzidas pelos movimentos das partículas dos corpos externos que afetaram os nervos do corpo unido à mente. Em razão dessa cadeia de conexões imediatas, as sensações, caso sejam referenciais, referir-se-iam ou bem às configurações cerebrais impressas na glândula pineal (imagens, figuras ou ideias corporais)<sup>50</sup>, ou bem aos objetos externos ou suas propriedades que impactaram os sentidos externos e são as causas remotas dessas impressões. Não seria, portanto, implausível considerar que os objetos extensos que causam as sensações sejam a referências delas. Daí, poder-se-ia concluir que elas seriam intencionais.

É verdade que se *A* é causado por *B*, não se segue que *A* se refira a *B*. Mas, em relação às sensações, *A* seria a expressão no pensamento de *B*, que seria a sua causa corporal. Assim, poderia ser sugerido que as sensações, por dependerem de causas corporais, visam as suas causas e seriam, portanto, intencionais. Se este

---

Texto 31, p. 82-86. AT VI, p. 130. *Ceuvres complètes III, La Dioptrique*, p. 183. AT VII, *Meditationes*, Sexta Meditação, p. 73.

<sup>49</sup> Ver AT VIII-2, *Notæ in Programma*, p. 358-359, l. 25- l. 17. Nesse texto, Descartes escreve que todas as ideias na nossa mente são inatas. Não apenas as ideias de movimento e de figura, mas também seriam inatas as ideias de dor, de cor e semelhantes que os movimentos corporais deram ocasião para que fossem exibidas na mente. Assim, os movimentos de partículas cerebrais dariam apenas a ocasião para a mente extrair dela mesma as ideias sensíveis de qualidades primárias e secundárias.

<sup>50</sup> AT XI, *Traité de L'Homme*, p. 176-178.

argumento for probante, poder-se-ia afirmar que seria da natureza das sensações serem intencionais, pois a sensação é: “tudo aquilo que resulta imediatamente na mente pelo fato dela estar unida ao órgão corporal assim afetado”<sup>51</sup>. Se elas têm necessariamente causas corporais e visassem suas causas, então as sensações seriam por ‘natureza’ intencionais. Em todo caso, se o argumento não for probante, se ele não prova a intencionalidade das sensações, ao menos sugere uma correlação entre estados da mente (sensações) e objetos extensos, o que justificaria a função pragmática da sensação de evitar o nocivo e preservar o que é útil ao composto.

Descartes ao longo de sua obra formula várias classificações do sentir em geral. Na primeira parte dos *Princípios* (I, 66), o sentir é classificado em sensações estritas (*sensus*), afetos (*affectus*) e apetites (*appetitus*). Nos artigos subsequentes da Primeira Parte dos *Princípios* é dada especial atenção à questão da função representacional das sensações das qualidades primárias e secundárias. Na Quarta Parte desse livro, Descartes distingue o sentir em geral em sentidos internos e externos<sup>52</sup>. Os sentidos internos são os afetos da alma e os apetites naturais; os sentidos externos são os tradicionalmente conhecidos<sup>53</sup>. Nas *Paixões da Alma*<sup>54</sup>, Descartes encontra uma nova formulação para a classificação do sentir em geral: [i] percepções (no sentido geral de um sentir passivo consciente condicionado corporalmente) que se relacionam com os corpos exteriores (sensações produzidas pelos objetos externos que impactam os sentidos externos); [ii] percepções que se relacionam com o próprio corpo (sensações produzidas pelo corpo do sujeito pensante); e, finalmente, [iii] “percepções que se referem à alma” (domínio das paixões, dos afetos ou das emoções). Descartes procura explicar o significado desta expressão: “As percepções que se referem *somente* à alma são aquelas cujos *efeitos* se sentem como na alma mesma e de que não se conhece *comumente* nenhuma causa próxima à qual possamos relacioná-las”<sup>55</sup>.

Esta classificação do sentir das *Paixões da Alma*, ao menos em relação aos corpos externos e ao próprio corpo, realça a dependência do sentir das suas condições corporais. No entanto, ao relacionar um tipo de sentir com a alma,

---

<sup>51</sup> AT VII, *Meditationes*, Resposta às Sextas Objeções, p. 437.

<sup>52</sup> AT VIII-1 *Principia Philosophiæ*, IV, 190.

<sup>53</sup> Note-se que o tato é o primeiro sentido externo na ordem de importância, pois não há sensação sem contato, tese clássica da filosofia aristotélico-tomista.

<sup>54</sup> AT XI, *Les Passions de l’Ame*, art. 23-25.

<sup>55</sup> *Les Passions de l’Ame*, I, 25.

estaria sendo sugerido que, embora as paixões sejam uma maneira de sentir, a origem delas seria a alma e não o corpo? Ora, as paixões são o exemplo mais patente da união da alma com o corpo, da interação mente/corpo. Certamente, para explicá-las será preciso mostrar qual seria a relação delas com o corpo ou com suas condições corporais. Em relação às sensações das qualidades secundárias, às percepções de qualidades primárias e também aos apetites, a dependência das condições corporais dessas maneiras de sentir não parece ser questionável. E em relação às paixões? Como explicar a dependência delas das condições corporais “pois [elas] se referem somente à alma”? Além disso, esta pergunta coloca em questão o argumento que foi exposto para justificar a intencionalidade das sensações: ele se aplicaria também às paixões da alma?

Do ponto de vista fisiológico, a teoria das Paixões em Descartes é bem complexa<sup>56</sup>. Obviamente, não iremos analisá-la. Procuraremos mostrar muito sucintamente que a questão da intencionalidade das emoções é na maioria das vezes pressuposta na análise inicial das paixões, pois as paixões são o *efeito na* alma de um tipo de impacto dos objetos (os corpos exteriores ou o próprio corpo) que nela produziram percepções sensíveis intencionais. Os objetos que causam as emoções são aqueles que são considerados como úteis ou nocivos à preservação da união da alma com o corpo. Escreve Descartes:

...os objetos que movem os nossos sentidos não provocam em nós diversas paixões devido a todas as diversidades que existem neles, mas somente devido às diversas formas pelos quais nos podem prejudicar ou beneficiar, ou então, em geral, ser importantes... (*Les Passions de l'Ame*, II, art. 52)

Não é apenas a consciência sensível de uma qualidade ou de um apetite, portanto de características sensíveis atribuídas devida ou indevidamente a um objeto corporal, que é determinante para a produção de uma paixão da alma; é relevante a percepção da utilidade ou da nocividade do objeto para a conservação do composto. Cada emoção tem a sua especificidade determinada pelos objetos (“suas causas comuns e principais”), pela diversidade dos movimentos dos espíritos animais (“suas causas próximas”) ou é derivada de outras paixões<sup>57</sup>. Mas, o ponto de partida da análise da emoção supõe que ocorra uma percepção

---

<sup>56</sup> Textos básicos que fundamentam estas observações sobre as paixões em Descartes: *Princípios da Filosofia*, I, art. 66; AT VIII-1, *Principia Philosophiæ*, IV, art. 190; AT XI, *Les Passions de l'Ame*, I, art. 25-29, 36-37, 40; II, art. 51-52, 53, 56-57, 61, 69-70, 79, 86, 91-92; Carta a Elisabeth, 6 de outubro de 1645.

<sup>57</sup> Não estão sendo enumeradas as condições corporais aleatórias na produção de paixões.



sensível de um objeto<sup>58</sup>, portanto uma percepção referida a um objeto corporal, tal como foi descrito na análise da admiração que, na ordem das paixões, é a primeira paixão primitiva: “A admiração é uma súbita surpresa da alma que a leva considerar com atenção os objetos que lhe parecem raros e extraordinários”<sup>59</sup>. Se já tivéssemos justificado que percepções intencionais exerceriam uma função representacional, talvez pudéssemos afirmar que na maioria das vezes<sup>60</sup> as emoções pressupõem representações sensíveis de objetos que são considerados úteis ou nocivos à união e que é principalmente mediante a causalidade de objetos corporais e de movimentos dos espíritos animais que as emoções são engendradas.

### *Sentir e Inteligir*

Como vimos, o sentir tem uma condição corporal e, como qualquer modo do pensamento, envolve alguma intelecção, isto é, consciência. A percepção sensível considerada isoladamente, como mero ato de sentir, embora dependa do intelecto, se intelecto significa pensamento, não parece depender de operações do intelecto puro. Descartes após enumerar e descrever as sensações de qualidades secundárias no 2º grau dos sentidos, escreve: “... e nada de outro deve ser referido aos sentidos se quisermos distingui-los cuidadosamente do intelecto”<sup>61</sup>. Esta frase parece indicar que somente as sensações de qualidades secundárias podem ser consideradas estritamente como sensações, pois as percepções sensíveis das qualidades primárias não foram nomeadas no 2º grau dos sentidos. Muitas vezes, o que é classificado habitualmente como percepção sensível de qualidades primárias envolve juízos, cálculos, e raciocínios, como, por exemplo, a percepção da distância de um objeto fixada a partir da distância que há entre os dois olhos humanos ou como ocorre com os agrimensores quando medem a distância de pontos situados em terrenos inacessíveis a partir de uma posição ou quando um cego usa seus bastões para medir a distância de um

---

<sup>58</sup> Analisando o termo ‘figura’, Descartes escreve no *Traité de L’Homme* (AT XI, p.176): “... por figura eu entendo (...) todas as coisas (...) que poderão ocasionar a alma sentir o movimento, a grandeza, a distância, as cores, os sons, os odores e outras qualidades desse gênero; e mesmo aquelas [coisas] que poderão fazê-la sentir cócegas, dor, fome, sede, *alegria, tristeza e outras paixões como estas*” (grifo meu). Ver também *Les Passions de l’Ame*, I, 28 “Podemos também chamá-las [as paixões da alma] de sentimentos, porque são recebidas na alma do mesmo modo que os objetos dos sentidos externos”.

<sup>59</sup> *Les Passions de l’Ame* II, art. 70. Ver também art. 53 e sgs.

<sup>60</sup> A expressão ‘muitas vezes’ foi usada para contemplar a hipótese de que em alguns casos “nos sentimos tristes ou alegres sem que possamos dizer o motivo” (*Les Passions de l’Ame*, art. 51).

<sup>61</sup> AT VII, *Meditationes*, Sextas Respostas, p. 437.

obstáculo<sup>62</sup>. Estas percepções sensíveis, por envolverem cálculos e raciocínios, supõem a intervenção de operações do intelecto e não devem ser consideradas estritamente como sensações. Elas pertenceriam ao 3º e não ao 2º grau dos sentidos. É o que afirma Descartes: “... eu mostrei na *Dióptrica* que a grandeza, a distância e a figura não são percebidas senão pelo raciocínio, deduzindo-as umas a partir das outras”<sup>63</sup>, o que indicaria que percepções de qualidades primárias não seriam estritamente sensações, pois envolveriam atos judicativos. No entanto, em outros textos, como no *Tratado do Homem*<sup>64</sup> e no Discurso VI da *Dióptrica*<sup>65</sup>, percepções de qualidades primárias ora são percepções sensíveis de propriedades dos corpos, ora são percepções de propriedades dos corpos associadas às qualidades secundárias, ora a juízos Isto sugere que em certos casos as percepções de qualidades primárias possam ser consideradas também como sensações na medida em que *não* envolvem juízos, embora, como toda e qualquer sensação, envolvam intelecção, pois são fruto de uma interação da mente unida ao corpo. No Discurso VI da *Dióptrica*, por exemplo, são descritas percepções sensíveis, confusas e obscuras, de qualidades primárias: posição, tamanho ou figura de um objeto e até mesmo é descrito que a distância pode ser percebida sensivelmente sem cálculos.

Se na análise do sentir a distinção entre o 1º e o 2º grau dos sentidos assinala a passagem das condições corporais para a consciência das causas corporais do sentir, a distinção entre o 2º e o 3º grau realça a distinção entre a consciência de sentir e a operação do intelecto puro de julgar o que é sentido. Sentir é pensar, mas não significa entender, se ‘entender’ significa uma operação que tem como *princípio* exclusivo o intelecto puro e como termo um ato judicativo com valor de verdade. Por isso, o sentir deve ser claramente distinguido da operação de julgar, mesmo quando esta operação envolve dados fornecidos pelas percepções sensíveis e produz conhecimentos verdadeiros (ou falsos) sobre o mundo visível.

Segundo o 3ª grau dos sentidos, a origem da confusão entre sentir e entender tem origem nos preconceitos que adquirimos na infância quando consideramos

<sup>62</sup> Ver AT XI, *Traité de L’Homme*, p. 160, p. 188. Ver também o artigo M. Fichant (1992).

<sup>63</sup> AT IX, *Méditations*, p. 237. A expressão “deduzindo” não aparece no texto latino das *Méditations* (AT VII, *Meditationes*, Respostas às sextas Objeções, p. 438). No Discurso VI da *Dióptrica*, o uso dos termos ‘imaginar’, ‘conhecer’, ‘julgar’ (relacionados à percepção visual das qualidades primárias) realça a diferença entre perceber qualidades secundárias (ver uma cor, por exemplo) e perceber, por exemplo, a distância entre o sujeito que vê e o objeto visto.

<sup>64</sup> No *Tratado do Homem*, é descrito como a alma (*mens*) sente a “situação, a figura, a distância, a grandeza e outras qualidades semelhantes...” (AT XI, p. 159-160). Neste caso, ‘perceber’ estaria indicando uma percepção sensível.

<sup>65</sup> AT VI, *La Dioptrique*, Discurso VI, p. 137-141; *Œuvres complètes* III, pp. 182-190.

as percepções sensíveis não só como representações do mundo visível, mas também como representações verdadeiras e por isso, sendo ou envolvendo juízos, que se caracterizam por terem valor de verdade. Isto ocorre porque, segundo Descartes, "...nós não distinguimos estas operações [judicativas] da percepção dos sentidos"<sup>66</sup>. Sem o corpo unido à mente não existiriam sensações, nem percepções sensíveis do mundo visível<sup>67</sup>. Sem a operação judicativa do intelecto, a percepção sensível não é um conhecimento, não tem valor de verdade, embora possa ser o ponto de partida para que juízos verdadeiros sejam feitos sobre o mundo visível.

### *Sensação, Imagem e Semelhança*

Qualquer que seja a interpretação<sup>68</sup> dada às percepções das qualidades primárias, quer elas sejam ou não associadas a operações do intelecto, não é problemático considerá-las representativas: os corpos são suas causas e elas expressam propriedades que poderiam representar essas causas de modo obscuro e confuso.

Sem assumir que as sensações de qualidades secundárias são intencionais, devemos agora examinar, sob a hipótese da sua intencionalidade, se elas são representativas, não no sentido de serem apenas referenciais, mas de exercerem uma função cognitiva em relação aos objetos aos quais elas se referem.

Por razões já expostas, sabemos que as qualidades secundárias não são semelhantes aos objetos aos quais se referem. Mas, como mostram os capítulos iniciais da *Dióptrica*, a noção de semelhança não é constitutiva da noção de representação sensível<sup>69</sup>. No entanto, as noções de imagem corporal, de figura<sup>70</sup>

---

<sup>66</sup> *Idem*, p. 438.

<sup>67</sup> AT VIII-1, *Principia Philosophiæ*, IV, 199.

<sup>68</sup> Ver as interpretações divergentes, já citadas, entre M. Wilson (1999d) e A Simmons (2003).

<sup>69</sup> "... é necessário que observemos que não existem imagens que devam se assemelhar inteiramente aos objetos que elas representam: pois, de outra forma, não existiria distinção entre o objeto e sua imagem: mas basta que elas se assemelhem a eles em poucas coisas; e até muitas vezes a sua perfeição depende daquilo em que elas não lhe são semelhantes tanto quanto elas poderiam sê-lo" (*Ceuvres complètes, La Dioptrique*, Discurso IV, p. 169; AT VI, p. 112-113.) Ver também a crítica à noção de semelhança, análoga ao da *La Dioptrique*, no capítulo inicial do *Le Monde* em AT XI, capítulo 1, "Da diferença entre nossos sentimentos e as coisas que os produzem", p. 3-6.

<sup>70</sup> Descartes explicita no *Traité de L'Homme* (AT XI, p.176) o significado da expressão 'figura' impressa no cérebro e na glândula pineal. O termo 'figura' "...não significa aqui somente as coisas que representam de alguma maneira a posição de linhas e de superfícies dos objetos, mas também, conforme o que eu disse acima, todas as coisas que poderão ocasionar a alma sentir o movimento, a grandeza, a distância,

ou de pintura são usadas por Descartes na análise da percepção visual, o que sugere que existiria algum tipo de relação de semelhança entre a imagem e o objeto, análoga àquela que existe entre um quadro pictórico e a coisa figurada ou entre a *species* sensível intencional e uma forma natural accidental. Entretanto, a imagem<sup>71</sup> não é um quadro pictórico, mas o efeito da força dos movimentos dos raios luminosos que impactam os nervos, passam pela pupila, pelo cristalino, segundo as regras da reflexão e da refração<sup>72</sup>, e formam no fundo do olho (na retina, que é um conjunto de nervos) uma pintura ou uma figura. De fato, Descartes estabelece uma correlação<sup>73</sup> entre os pontos de objetos externos, iluminados pelos movimentos dos raios luminosos, e os pontos que formam as imagens ou figuras corporais desses objetos impressas na retina e que foram configuradas pelos movimentos dos raios de luz. Pelos nervos óticos, esta figura é imediatamente transportada e impressa na superfície interior do cérebro. Em razão do impacto dos raios luminosos, os condutos que envolvem os filetes nervosos da visão foram alargados e, em consequência, seus poros foram dilatados. Isto permite que a partir da glândula pineal os espíritos animais, que a sustentam nas cavidades cerebrais, se movimentem mecanicamente e preencham os poros dos nervos que foram dilatados. Graças a estes movimentos, são traçadas na própria glândula pelos espíritos animais as figuras que estavam impressas na superfície interior do cérebro. Por sua vez, a origem corporal da sensação de luz é explicada pela força dos movimentos que atingem o cérebro através do nervo ótico e a sensação de cor pela maneira e disposição da força de rotação destes movimentos. Assim, a figura no cérebro pode ser sentida pela mente como uma figura ou imagem geométrica que está mesclada com qualidades secundárias. Mas não é a imagem que causa ou provoca o sentir; a

---

as cores, os sons, os odores e outras qualidades desse gênero; e mesmo aquelas [coisas] que poderão fazê-la sentir cócegas, dor, fome, sede, alegria, tristeza e outras paixões como estas". Nesse contexto, o termo 'figura' parece exprimir sinteticamente as condições terminais físico-corporais da sensação. No texto de juventude (AT X, *Regulæ ad Directionem Ingenii*, Regra XII) Descartes escreve: "pois nada de mais fácil cai sob os sentidos do que a figura: com efeito, ela é tocada e ela é vista." Note-se que figura é um objeto geométrico, mas que produz ou ocasiona todas as espécies de sensações, sejam elas provocadas pelos sentidos externos ou internos. Ver AT II, *Correspondance*, Carta a Mersenne de 16 de outubro 1639 e *Cœuvres complètes III, La Dioptrique, Discurso V*, p. 170 e AT VI, p. 129. Ver também o artigo de J-M. Beyssade (2000).

<sup>71</sup> Como é sabido, Descartes toma como modelo da análise da visão a câmara escura. Ver *Cœuvres complètes III, La Dioptrique, Discurso V*, p. 170-182. AT VI, p. 114-130.

<sup>72</sup> Ver, como exemplo a função da refração e da reflexão, AT XI, *Traité de L'Homme*, p.154-155. Sobre a reflexão e a refração, ver *Cœuvres complètes, La Dioptrique, Discurso I*, final (p.153-156) e Discurso II. AT VI, *La Dioptrique*, p. 88-92 e 93-109.

<sup>73</sup> *Idem, La Dioptrique, Discurso V*, p. 178-182; Discurso VI, p. 184-187; AT, XI, *Traité de L'Homme* p. 174-177.

alma sente pelos movimentos causados pelos objetos externos que impactaram os nervos e foram por eles e pelos espíritos animais transmitidos imediatamente à glândula pineal. Se, por hipótese, no cérebro se formam imagens, “a questão é explicar como elas [as imagens] podem dar à alma meios para sentir as diversas qualidades dos objetos externos e não se as sensações são semelhantes aos objetos aos quais elas se relacionam”<sup>74</sup>. Palavras, frases, o que é transmitido ao cego pelo seu bastão (que percebe a distância e a figura dos objetos tocados pelo bastão)<sup>75</sup> são exemplos de signos que podem se referir a objetos externos, sem que ocorra qualquer semelhança entre eles.

No resumo final conclusivo do Discurso IV da *Dióptrica*, Descartes reitera suas teses: “... as ideias que os sentidos exteriores enviam para a fantasia não são imagens dos objetos ou, ao menos, elas não têm necessidade de ser semelhantes a eles”; e em seguida, de maneira categórica, é afirmado: “os diversos movimentos dos pequenos fios de cada nervo são suficientes para causar diversas sensações (*sentiments*)”<sup>76</sup>.

### *Referência e correspondência. Função epistêmica das qualidades secundárias*

Graças às percepções sensíveis podemos apreender e conhecer o mundo visível, pois, segundo Descartes, nenhum fenômeno da natureza pode ser recenseado, se não tiver sido apreendido pelos sentidos<sup>77</sup>. As percepções sensíveis mostram como o “*mundo visível*” nos aparece<sup>78</sup>. Este aparecer não é, no entanto, uma mera aparência. Corpos extensos singulares podem instanciar percepções sensíveis de qualidades primárias ... [porque] há muitas outras coisas

<sup>74</sup> *Œuvres complètes III, La Dioptrique*, Discurso IV, p. 170. AT VI, *La Dioptrique*, Discurso 4, p. 113.

<sup>75</sup> O movimento e a resistência dos corpos (transmitidos pelo contato com o bastão do cego) são a causa dos sentimentos que o cego tem e estes movimentos *não* são semelhantes às ideias que ele concebe.

<sup>76</sup> *Œuvres complètes III*, Discurso IV, p. 254. AT VI, *La Dioptrique*, p. 489.

<sup>77</sup> AT VIII-1, *Principia Philosophiæ*, IV, 199: “Com efeito, dentre os fenômenos da natureza nada pode ser listado (*esse recensendum*) a não ser que seja apreendido pelos sentidos.”

<sup>78</sup> Em questões metafísicas, que não concernem à vida prática ou ao bem estar da vida humana, o sensível exerce algumas vezes uma função relevante. Ele desempenha um papel fundamental não só na prova da existência dos corpos (*Princípios de Filosofia*, I, 69: “...ao vermos algum corpo, a certeza de que ele existe na medida em que aparece figurado não seja maior do que na medida em que aparece colorido...”), mas também na ‘prova’ (ou constatação?) da união mente/corpo (ver GUEROULT 1953, cap XVI e XVI, p. 157-218.) Além disso, a união mente/corpo é conhecida “muito claramente pelos sentidos” e “obscuramente pelo intelecto” (AT III, *Correspondance*, Carta a Elisabeth, 28 de junho 1643, pp. 691-692).

como a grandeza, a figura, o número etc. que percebemos não serem *sentidas* ou entendidas por nós diversamente da maneira como estão ou pelo menos podem estar nos objetos...” (grifo meu)<sup>79</sup>. Algumas vezes, estas percepções obscuras e confusas induzem a enganos<sup>80</sup> que podem ser corrigidos pelo intelecto.

No entanto, é bem diferente o que ocorre com as percepções das qualidades secundárias: “na infância ... tinha certas sensações diversas, a saber, as que chamamos sensações de sabores, odores, sons, calor, frio, luz, cores e coisas semelhantes, que nada representam posto fora do nosso pensamento”<sup>81</sup>.

O mundo visível é extensional e as qualidades secundárias não são representativas de propriedades de objetos extensos. No entanto, as sensações de dor, prazer, alegria, fome, frio etc. têm a função prioritária de indicar o que é útil ou nocivo à conservação do composto no mundo extensional. Para exercerem essa função pragmática deve ocorrer uma correlação entre sensações de qualidades secundárias e propriedades extensionais de objetos corporais que causam estas sensações, embora essa correlação não estabeleça uma relação de semelhança entre os seus termos. Segundo Descartes esta correlação é fundada na *Instituição Natural*: a ordem e a disposição na Natureza das coisas instituídas por Deus <sup>82</sup>. Tendo em vista este postulado, Descartes escreve:

Em verdade, do fato que eu sinto uma grande variedade de cores, de sons, de odores, de sabores, de calor e de dureza e coisas semelhantes, eu concludo corretamente que há nos corpos donde provêm estas diversas percepções sensíveis diversidades que lhes correspondem, mesmo se talvez elas não lhes sejam semelhantes. (AT VII, *Meditationes*, Sexta Meditação, p. 81)

---

<sup>79</sup> *Princípios de Filosofia*, I, 70.

<sup>80</sup> Boa parte do Discurso VI da *Dióptrica* analisa as razões dos enganos da percepção visual das propriedades primárias (*Œuvres complètes*, III, *La Dioptrique*, Discurso VI, p. 190-195. AT VI, *La Dioptrique*, pp. 140-147.

<sup>81</sup> *Princípios da Filosofia* I, 71. Ver também I, 66-68.

<sup>82</sup> A noção de Instituição Natural parece ser um desdobramento da noção da Veracidade Divina: “E sem qualquer dúvida todas aquelas coisas que a natureza ensina têm algo de verdadeiro. Com efeito, por natureza, considerada em geral não entendo [*intelligo*] agora senão o próprio Deus ou o sistema ordenado de coisas criadas que *Deus instituiu*. E por minha natureza, em particular, não entendo senão o complexo [*complexeionem*] de todas as coisas que a mim foram atribuídas por Deus” (grifo meu; AT VII, *Meditationes*, Sexta Meditação, p. 80). Não só na sua obra metafísica, mas também nos seus escritos científicos é utilizado o postulado de Instituição Natural. Ver, por exemplo, *Œuvres complètes* III, *La Dioptrique*, Discurso VI, p. 183. AT VI, *La Dioptrique*, p. 130-131.

A correlação entre qualidades secundárias e propriedades de objetos extensos, justificada pela Instituição Natural, não só fundamenta a função pragmática das sensações, como também justifica teses epistêmicas: ela mostra que as sensações de qualidades secundárias são intencionais e com isso especifica a função referencial destas sensações. Se a dependência corporal apenas tornava plausível a afirmação da intencionalidade das sensações, o argumento derivado da Instituição Natural evidencia que elas são de fato intencionais: a variedade das qualidades secundárias corresponde à diversidade de modos corporais: tal qualidade secundária com tal intensidade corresponde a uma determinada propriedade extensional. Assim, as qualidades secundárias são intencionais, pois visam à sua maneira, propriedades de objetos extensos. São também referenciais, pois uma determinada qualidade secundária denota, porque está correlacionada, a uma específica propriedade extensional. Mas elas não são semelhantes aos objetos que denotam, pois são estados mentais e os objetos aos quais correspondem são extensionais. Finalmente, fica explicada a função primordial das sensações: referindo-se aos objetos do mundo natural, as qualidades secundárias mostram o que é útil ou nocivo à conservação do composto.

Como já assinalamos, a definição canônica de ideia, formulada por Descartes na 3ª Meditação, é “ideia é como [se fosse] uma imagem de coisas”<sup>83</sup>. Como modo do pensamento, ela exibe um objeto (ser objetivo) que tem um grau de perfeição.

Levando em consideração os aspectos constitutivos da ideia, M. Wilson sugeriu em um artigo (1999e)<sup>84</sup> que a noção de ideia cartesiana possuiria dois aspectos essenciais: [i] uma função referencial, que visaria um objeto, e [ii] um conteúdo propriamente 'apresentacional' (*presentational*), que exibiria o modo como o objeto visado é apresentado na ideia. Estes dois aspectos constitutivos das ideias seriam independentes: a ideia poderia se referir a um objeto sem caracterizá-lo, isto é, sem que o modo pelo qual a o objeto é visado seja conforme ao próprio objeto: ela poderia ser considerada representacional apenas por ser referencial e o seu aspecto 'apresentacional' poderia exibir qualidades ou características que talvez não fossem representativas (no sentido de serem semelhantes) ao que é efetivamente referido.

Obviamente, esta interpretação tem os limites de qualquer interpretação. No entanto, ela é sugestiva e, se for correta, ofereceria uma razão para mostrar que

---

<sup>83</sup> AT VII, *Meditationes*, Terceira Meditação, p. 37.

<sup>84</sup> Ver especialmente pp. 74-75. A interpretação de WILSON sobre a noção de ideia tem certa semelhança de família com a de CHAPPELL, formulada no seu artigo de 1986. Sobre a interpretação de WILSON, ver ainda meu artigo de 2016.

as percepções de qualidades secundárias são ideias sensíveis: elas apresentam na mente diversidades que se correlacionam à diversidade de propriedades dos objetos externos aos quais elas se referem. Dessa maneira, elas satisfariam de uma maneira não imagética ao aspecto ‘apresentacional’ que as ideias devem conter. É obvio que este aspecto ‘apresentacional’ da ideia sensível, obscura e confusa, não envolve similitude e é apenas uma espécie de signo codificado da diversidade das propriedades dos objetos<sup>85</sup> extensos. Percepções de qualidades secundárias exprimem tão somente a diversidade de configuração dos movimentos das partículas que compõem os objetos extensos. Assim, nenhuma relação de similitude é invocada para mostrar que elas correspondem a objetos extensos; elas são apenas signos codificados dessa correspondência.

### *Conclusão*

Podemos, agora, responder à questão que motivou este artigo: as sensações ou percepções sensíveis podem ser consideradas ideias?

Na Terceira Meditação, ainda sob o horizonte da dúvida, Descartes enumerou três itens que caracterizariam as ideias sensíveis (adventícias) segundo a filosofia do senso comum: [i] existiriam coisas fora de mim [ii] que produziriam ou causariam as ideias [iii] e estas ideias seriam semelhantes às suas causas <sup>86</sup>.

Ao longo do artigo procuramos refletir sobre estas afirmações no quadro conceitual cartesiano. cremos ter justificado as seguintes teses cartesianas.

[1] As percepções sensíveis são referenciais, pois visam os objetos externos que são as suas causas.

Como as sensações se originam do impacto dos movimentos dos corpos sobre o corpo humano, movimentos que são transmitidos imediatamente ao cérebro e daí à mente, é plausível que as causas das sensações sejam os seus objetos. Disso se segue, que, sob a hipótese da Instituição Natural, as sensações seriam intencionais, sejam elas percepções de qualidades primárias, sejam sensações de qualidades secundárias, que, na sua diversidade estariam correlacionadas à variedades das propriedades dos corpos extensionais, Esta correlação exprime a maneira pela qual as sensações secundárias são consideradas referenciais.

---

<sup>85</sup> MARION (1981), Section 12, pp. 231-263.

<sup>86</sup> AT VII, *Meditationes*, Terceira Meditação, p. 35 e p. 40.



- [2] As percepções sensíveis das qualidades primárias podem ser consideradas ideias adventícias, obscuras e confusas, de seus objetos, pois preenchem as duas condições atribuídas às ideias em geral: referência e modo de apresentação (caracterização) do objeto.

Relativamente às percepções de qualidades primárias, assinalamos, que algumas pertencem ao 2º grau dos sentidos; outras, no entanto, podem envolver operações judicativas do intelecto e, neste caso, pertenceriam ao 3º grau dos sentidos. Seriam conhecimentos empíricos, verdadeiros ou falsos, mas não sensações propriamente ditas.

- [3] As percepções sensíveis de qualidades secundárias são signos dos objetos aos quais se referem. Sob este aspecto, elas são também ideias sensíveis.

O postulado da Instituição Natural <sup>87</sup> estipula que as diferentes percepções sensíveis das qualidades secundárias correspondem à diversidade de movimentos corporais, engendrados pelo impacto de um corpo sobre o corpo humano. Dessa maneira, elas são signos, e não apenas sinais, que se referem e correspondem, sem serem semelhantes, aos objetos que são as suas causas.

Assim, segundo Descartes: [i] os movimentos dos corpos externos, impactando os corpos unidos à mente, produzem sensações ou percepções sensíveis que *não* são figuras pictóricas das suas causas; [ii] as sensações das qualidades secundárias são percepções sensíveis que são signos e não apenas sinais dos objetos que são suas causas; [iii] as percepções das qualidades primárias podem exibir, de maneira obscura e confusa, propriedades dos objetos aos quais se referem.

Das três características das ideias sensíveis adventícias acima mencionadas<sup>88</sup>, só a noção de semelhança não foi assumida pela teoria cartesiana da percepção sensível. A explicação mecanicista e geométrica formulada por Descartes sobre a gênese e a natureza da percepção sensível difere significativamente da concepção clássica e elimina de sua análise uma das noções centrais do conceito escolástico de representação sensível: a noção de *species sensível*

---

<sup>87</sup> A aplicação deste postulado à percepção de qualidades primárias é supérflua, já que estas percepções são causadas por objetos que podem ter, neles mesmos, propriedades percebidas pela mente de modo confuso e obscuro.

<sup>88</sup> AT VII, *Meditationes*, Terceira Meditação, p. 35 e p. 40.

## Referências

[A] Descartes

1964-1974. *Œuvres de Descartes*. Ed. de C. Adam e P. Tannery, 11 volumes. Paris: Vrin-CNRS.

2009. *René Descartes. Œuvres Complètes. III Discours de la Méthode et Essais*. Edição de Jean-Marie Beyssade e Denis Kambouchner. Apresentação de Frédéric De Buzon. Paris: Gallimard.

1981. *Descartes. L'entretien avec Burman*. Edição, tradução e anotação de J-M Beyssade. Paris: PUF.

1962. *Descartes: Obra Escolhida*. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.

2002. *René Descartes. Princípios da Filosofia*. Edição bilíngue, tradução e organização de Guido Antônio de Almeida e outros. Rio de Janeiro: UFRJ.

[B] Obras secundárias citadas.

BEYSSADE, J-M. 1992. Réflexe et admiration. Sur les mécanismes sensori-moteurs selon Descartes. In: MARION, J.-L., DEPRUN, J. (orgs). *La Passion de la Raison. Hommage à F. Alquié*. Paris: PUF, p. 113-130.

BEYSSADE, J-M. 2001. Le sens commun dans la Règle XII. In: *Descartes au fil de l'ordre*. Paris: PUF, pp. 81-87.

CHAPPELL, V. 1986. The Theory of Ideas. In: RORTY, A. (org). *Essays on Descartes' Meditations*. Berkeley: University of California Press, pp. 177-198.

DE BUZON, F. 1991. Le problème de la sensation chez Descartes. In: VIEILLARD-BARON, J.-L. (org). *Autour de Descartes. Le Dualisme de l'Âme et du Corps*. Paris: Vrin, pp. p. 85-99.

DE ROSA, R. 2009. Cartesian sensations. *Philosophy Compass*, vol. 4/5, no. 20, pp. 780-792. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1747-9991.2009.00252.x>

FICHANT, F. 1992. La géométrisation du regard. Réflexions sur la *Dioptrique* de Descartes. *Philosophie*, vol. 34, p. 30-29.

GUENANCIA, P. 1988. *L'intelligence du sensible*. Paris: Gallimard.

GUEROULT, M. 1953. *Descartes selon l'ordre des raisons. v. II, L'âme et le corps*. Paris: Aubier.

HATFIELD, G. 2016. Descartes: new thoughts on the senses. *British Journal for The History of Philosophy*, julho. DOI: <https://doi.org/10.1080/09608788.2016.1214908>

- LANDIM FILHO, R. 2014. Ideia, ser objetivo e realidade objetiva nas *Meditações* de Descartes". *Kriterion*, vol. 130, pp. 669-690. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-512X2014000200013>
- LANDIM FILHO, R. 2016. Descartes: ideia e representação. Um caso enigmático: As ideias materialmente falsas. *Analytica*, vol. 20, nº 1, pp. 11-40.
- LOCKE J. 1979. *An essay concerning human understanding*. Edição de P. Nidditch. Oxford: Clarendon Press.
- MACHAMER, J. & McGUIRE, J. 2009. *Descartes's Changing Mind*. Princeton: Princeton University Press. DOI: <https://doi.org/10.1515/9781400830435>
- MARION, J.-L. 1981. *Sur la théologie blanche de Descartes*. Paris: PUF.
- OSLER, M. 2011. Descartes's Optics: Light, the Eye, and Visual Perception. In: BROUGHTON, J., CARRIERO, J. (orgs). *A Companion to Descartes*. Willey-Blackwell. DOI: <https://doi.org/10.1002/9780470696439.ch8>
- RADNER, D. 1988. Thought and consciousness. *Journal of History of Philosophy*, vol. 26, nº 3, julho.
- SIMMONS, A. 1999. Are cartesian sensations representational?. *Nous*, v. 33, nº 3, p. 3-79. DOI: <https://doi.org/10.1111/0029-4624.00159>
- SIMMONS, A. 2003. Descartes on the cognitive structure of sensory experience. *Philosophy and Phenomenological Research*, v. LVII, nº 3, novembro, pp. 549-579. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1933-1592.2003.tb00308.x>
- SIMMONS, A. 2012. Cartesian consciousness reconsidered. *Philosophers' Imprint*, v. 12, janeiro.
- WILSON, M. 1999a. *Ideas and Mechanism. Essays on Early Modern Philosophy*. Princeton: Princeton University Press. <https://doi.org/10.1515/9781400864980>
- WILSON, M. 1999b. Descartes on sense and "resemblance". In: *Ideas and Mechanism. Essays on Early Modern Philosophy*. Princeton: Princeton University Press, pp. 10-25. DOI: <https://doi.org/10.1515/9781400864980.10>
- WILSON, M. 1999c. Descartes on the origin of sensation. In: *Ideas and Mechanism. Essays on Early Modern Philosophy*. Princeton: Princeton University Press, p. 41-68. DOI: <https://doi.org/10.1515/9781400864980.41>
- WILSON, M. 1999d. Descartes on the perception of primary qualities. In: *Ideas and Mechanism. Essays on Early Modern Philosophy*. Princeton: Princeton University Press, pp. 26-40. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780195075519.003.0012>
- WILSON, M. 1999e. [iv] Descartes on the representationality of sensation. In: *Ideas and Mechanism. Essays on Early Modern Philosophy*. Princeton: Princeton University Press, pp. 69-83.

### Resumo

Neste artigo procuramos analisar e responder a três questões: [a] as sensações são apenas estados mentais? [b] São as sensações estados mentais intencionais, isto é, percepções sensíveis? [c] São as percepções sensíveis ideias sensíveis? Para responder a estas questões, analisamos as condições corporais das sensações, a expressão destas condições na mente e mostramos sob que condições as sensações são percepções intencionais e sob que condições percepções intencionais podem ser consideradas como ideias

**Palavras-chave:** Descartes, percepção sensível, intencionalidade, representação.

### Abstract

In the article we try to analyze and answer three questions: [a] are sensations only mental states? [b] Are sensations intentional mental states, that is, sensible perceptions? [c] Are sensible perceptions, sensible ideas? To answer these questions, we analyze the bodily conditions of sensations, the expression of these conditions in the mind, and show on what conditions sensations are intentional perceptions, and on what conditions intentional perceptions can be considered as ideas

**Keywords:** Descartes, sensible perception, intentionality, representation.